



AG FRATRES

Revista do
SUPREMO
CONSELHO
PARA PORTUGAL
DO R.E.A.A.

NOTA EDITORIAL

Este é o primeiro número da Revista do Supremo Conselho do 33º e Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite da Maçonaria para Portugal, instituição da Maçonaria Regular, com particular relacionamento com a Grande Loja Legal de Portugal/GLRP.

Teve o Soberano Grande Comendador, Ilustríssimo Irmão Agostinho Garcia, 33º, a feliz ideia de lhe dar nome AD FRATRES.

De facto, é para os Irmãos “espalhados pela superfície do Globo” que, em primeira linha, a Revista se destina, em especial para os Irmãos da Grande Loja Legal de Portugal/GLRP. Mas ela também dirigida a um público mais vasto, aquele conjunto de pessoas que se relacionam com a Maçonaria Universal ou têm interesse pela vida do Supremo Conselho.

Não é um órgão oficial do Supremo Conselho. A responsabilidade pelo que nela é inserido é sempre e exclusivamente dos autores, para as matérias assinadas. No resto, a respon-

sabilidade é do Director e, em última instância, do Grande Secretário do Interior do Santo Império (G.S.I.S.I.), a quem o Supremo Conselho cometeu o encargo de a editar.

A sua periodicidade é anual, sendo concebida sobretudo como um repositório seleccionado do que ao longo do ano se vai divulgando ou se vai pondo à consideração dos visitantes do sítio do Supremo Conselho aberto ao público em geral (www.supremoconselho.org).

O G.S.I.S.I. conta com a participação permanente, e, sublinhe-se, inestimável, do Director da Revista, está certo da ajuda dos membros do Supremo Conselho e dos seus Corpos Subordinados para as colaborações que lhes venha a solicitar e espera o contributo insubstituível dos leitores, a quem se pede que nos façam chegar todas as sugestões e apreciações que considerem pertinentes.

Os contactos com a Revista devem ser feitos por e-mail para: gsi@scg33.pt.

DIRECTOR Paulo Noguês
PROPRIEDADE Supremo Conselho, 33º
DESIGN IMC
IMPRESSÃO EUROPRESS - Editores e Distribuidores de Publicações, Lda.
Rua João Saraiva, 10A - 1700-249 Lisboa
Tel.: 218 444 340 - Fax: 218 492 061 - E-mail: geral@europress.pt
TIRAGEM 1000 exemplares
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

ÍNDICE

AD FRATRES	5
CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DO SUPREMO CONSELHO PARA PORTUGAL DO R.E.A.A.	9
AS NOVAS PRIORIDADES	13
A BOA PROMOÇÃO MAÇÓNICA: DO ÚLTIMO LIVRO DE DAN BROWN ÀS RECENTES OBRAS MUSICAIS DE RENÉ JACOBS	25
HISTÓRIA E FILOSOFIA DO GRAU 4 DO R.E.A.A.	31
LEITURAS	35



AD FRATRES

POR AGOSTINHO GARCIA, 33º
SGC

AD FRATRES

Honra-me a tarefa de, como Soberano Grande Comendador, vos dirigir as palavras de abertura no lançamento da primeira publicação promovida pela nossa Obediência.

Pretende o Supremo Conselho, defensor e garante do Rito Escocês Antigo e Aceite, ao publicar o número um deste órgão de informação interna, dar satisfação à pretensão de todos nós, de dispormos de um veículo de divulgação de acontecimentos relevantes da vivência da Obediência ou com ela relacionados e, transcendendo o âmbito dos diversos corpos rituais, entre eles vir a constituir um forte elo de ligação proporcionador de uma maior partilha do conhecimento.

O englobar de visões sobre diferentes temas permitirá reunir sinergias inestimáveis em prol da obra que todos integramos, enriquecendo-a, e tornar esta iniciativa um precioso mecanismo na adequação e posicionamento da Obediência nas vertentes interna e externa.

É mister assim que, ciente de termos atingido a maturidade maçónica e sermos depositários da esperança de uma ordem que quer ver perpetuados os seus ideais, reconhecida-mente justos, e pelos quais, desde há muito, vimos pacificamente a combater, reforce aqui alguns princípios ancilares.

Reconhecemos a existência de um Criador ou Ser Supremo “Grande Arquitecto do Universo”.

Reconhecemos que, dentro da nossa filosofia universalista, o espírito é imortal e transcendental.

Reconhecemos a Tolerância a Fé, a Esperança e a Caridade como virtudes teológicas.

Reconhecemos que cada ser humano é responsável por si próprio, pela sua formação moral e humanística, bem como perante a sua consciência e perante o Grande Arquitecto do Universo.

Reconhecemos como nossa missão a investigação da Verdade, defendendo a liberdade absoluta de consciência como ideal superior e declaramos como inimigos a ignorância e o fanatismo.

Reconhecemos que não pode existir felicidade onde a violência, a intolerância, o despotismo, a injustiça e a falta de liberdade existirem.

Reconhecemos que a nossa fraternidade é dirigida a todos os homens sem distinção de raça, classe, crença, fortuna ou situação social.



Reconhecemos que a nossa filosofia tende a ajustar princípios e actos às leis imutáveis da natureza.

Reconhecemos que não favorecemos qualquer cultura particular ou qualquer sistema político, económico ou social.

Reconhecemos o trabalho como imperativo que nos vincula.

É, pois, necessário que nos constituamos como uma verdadeira reserva moral e, cientes de que a sociedade que nos rodeia

é reflexo das nossas próprias atitudes, nos afirmemos perante a mesma como exemplo intransigente dos nossos superiores desígnios e princípios.

Na prossecução dos ideais maçónicos e como membros de uma sociedade que assumiu para si a defesa das nossas anteriores lutas na dignificação do homem mas que se nos apresenta com défice de valores a que a busca da felicidade no “Ter” e no “Eu” conduziu, largo se vislumbra o nosso campo de actuação em prol de valores morais e éticos e no estudo e descoberta de caminhos tenden-

tes a resolver ou minimizar questões sociais tais como:

- ✘ A extrema desigualdade na distribuição da riqueza, que caracteriza a acomodada sociedade actual e que irá conduzir, inevitavelmente, a convulsões potencialmente violentas, onde os altos muros dos luxuosos condomínios não serão suficientes para conter as vagas de desfavorecidos;
- ✘ Uma ordem económica vigente, que se baseia na expansão contínua, não parecendo vislumbrar que, tarde ou cedo, encarará fortes dificuldades de crescimento;
- ✘ Uma ordem financeira opaca à maior parte dos cidadãos, geradora de oportunistas e busca de proventos não derivados da produção;
- ✘ A iliteracia conducente a enormes desigualdades de oportunidades quer entre os cidadãos quer entre os povos;
- ✘ A desigualdade de oportunidades baseada no sexo que, apesar de ligeiros sucessos recentes, está longe de ser erradicada;
- ✘ A proliferação de extremismos que se desenvolvem no meio da carência e da ignorância em sociedades em que os homens nada têm a perder;
- ✘ Um direito à saúde que, apesar dos esforços recentes de melhoria de assistência na maternidade e no acesso quer a medicamentos genéricos quer aos de contenção da propagação ou efeitos de vírus e de doenças graves tais como a SIDA e a Malária, poderá vir a ser comprometido pelo custo das novas tecnologias terapêuticas a que não será estranho a busca de lucro excessivo por parte da

indústria e do comércio a elas associados;

- ✘ O direito das gerações futuras usufruírem de um planeta habitável e cuja natureza tenha sido preservada;
- ✘ A necessidade de gerar e discutir ideias em detrimento da mediocridade da discussão de pessoas;
- ✘ A necessidade de tomar decisões com olhos postos no futuro e não no propósito de delas tirar proveito no imediato.

O atingir de tal desiderato deverá passar pelo estreitamento de laços com outras entidades com afinidades ideológicas, criando unidade em acções conducentes não só à difusão mais eficaz dos princípios que nos forem comuns, como também à realização de objectivos sociais em que todos nos empenhemos.

Deixo-vos agora entregues à leitura dos trabalhos daqueles que a todos nós dedicaram o seu tempo e conhecimento e sugiro-vos, em nota final, uma reflexão sobre o que somos, consubstanciada na seguinte afirmação.

“A brotherhood of men
under the fatherhood of God”

AGOSTINHO GARCIA, 33º
SGC



CONTRIBUTOS
PARA A
HISTÓRIA DO
SUPREMO
CONSELHO
PARA
PORTUGAL
DO REAA

POR JOSÉ CARLOS NOGUEIRA

CONTRIBUTOS PARA A HISTÓRIA DO SUPREMO CONSELHO PARA PORTUGAL DO REAA

Após a sua Consagração, numa cerimónia presidida pelo Grão Mestre da Grande Loja Nacional Francesa, no Hotel Palace do Estoril, em Setembro de 1991, a Grande Loja Regular de Portugal assumiu desde logo todas as suas prerrogativas, tendo iniciado contactos para o reconhecimento internacional pelas outras Grandes Lojas do Mundo. No âmbito dessas diligências, uma delegação chefiada pelo então Grão-Mestre Fernando Teixeira, da qual fiz parte na qualidade de Grande Secretário, deslocou-se em Outubro a Nova York, para participar na reunião anual da Grande Loja de Nova York.

Nos contactos estabelecidos nessa ocasião, tiveram um papel relevante alguns Irmãos do Rito Escocês Antigo e Aceite, entre os quais o Ir. Robert Heyat, 32º, que sugeriram a criação de um Supremo Conselho para Portugal. No início do ano seguinte, após a Conferência Anual das Grandes Lojas dos Estados Unidos, onde foi reconhecida a Grande Loja Regular de Portugal, fui contactado pessoalmente pelo Soberano Grande Comendador da Jurisdição Sul, Ill. Ir. Fred Kleinknecht, 33º, que me transmitiu a disponibilidade do seu Supremo Conselho para ajudar a criar o Supremo Conselho do Rito Escocês Antigo e Aceite para Portugal. Informei de imediato o Grão-mestre, tendo frisado que seria de extrema importância ser-

mos apadrinhados pelo primeiro e o mais importante Supremo Conselho do Mundo. Tive algum trabalho para o convencer de que podia ser criado um Supremo Conselho Regular para Portugal, visto aquele que existia no âmbito do Grande Oriente Lusitano não ser reconhecido internacionalmente.

Fiquei incumbido dessa tarefa. A Jurisdição Sul pediu-me para entrar em contacto com o Ill. Ir. Bob Edward, 33º, Deputy para a NATO, o qual me sugeriu para preparar no mínimo 12 Irmãos portugueses que estivessem na disposição de ir à Alemanha, onde seriam elevados aos Graus de Perfeição, Capitulares e Filosóficos, a fim de criar o embrião do Supremo Conselho para Portugal. Assim fiz. Em Abril de 1992, um grupo de 18 Irmãos deslocou-se a Frankfurt para serem investidos no 32º grau.

Logo começámos a trabalhar todos os graus do Rito, usando os manuais dos vários rituais do REAA em português enviados pelos nossos Irmãos brasileiros, a meu pedido. No aspecto organizativo, o Grão-Mestre Fernando Teixeira propôs que o primeiro Soberano Grande Comendador para Portugal fosse o Ir. Pisani Burnay, para satisfazer o grande sonho da vida deste Irmão. Assim, o quadro do primeiro Supremo Conselho para Portugal tinha a seguinte composição:

Soberano Grande Comendador
Pisani Burnay

Lugar-Tenente Comendador
José Carlos Nogueira

Grande Ministro de Estado
Dimas Pestana

Grande Secretário
José João Zoio

Grande Orador
Álvaro Athayde

Grande Capitão das Guardas
Cunha Coutinho

Grande Tesoureiro
André Levy

Grande Mestre de Cerimónias
António Vidal

Grande Prior
Cardoso Alves

Após a consagração, em Washington, na House of the Temple, a 17 de Outubro de 1993, de imediato foi necessário criar uma massa crítica de membros que assegurassem a funcionalidade deste Supremo Conselho.

Foi pedida a ajuda aos Corpos Militares da NATO do REAA, e numa cerimónia concorrida e bonita, realizada em Águeda, foram elevados ao grau 32º vinte e oito novos membros,

que seriam o embrião das Lojas de Perfeição, Capítulos, Areópagos e Consistórios, com os quais o Supremo Conselho para Portugal passaria a funcionar em pleno.

Na primeira reunião do Supremo Conselho, foi por mim proposta, e votada por unanimidade, a inclusão dos Ills. Ilr. Bob Woodward, 33º, e Robert Heyat, 33º, como Membros de Honra no nosso Supremo Conselho, o que se viria a revelar de importância capital para a Grande Loja Regular de Portugal, assim como para o Supremo Conselho, nos eventos que mais tarde puseram em perigo o reconhecimento da Grande Loja Regular de Portugal.

Ultrapassado o incidente conhecido como “Casa do Sino”, que resultou na saída de alguns membros do núcleo inicial, o Supremo Conselho foi-se afirmando interna e externamente como um guardião eficaz do reconhecimento internacional da Maçonaria Regular em Portugal, tendo apoiado institucionalmente os sucessivos Grão Mestres da Grande Loja Regular - Legal de Portugal, os quais se contam também entre os seus Membros de Honra.

O Supremo Conselho continuou a crescer e a evidenciar o seu envolvimento Maçónico, promovendo ou participando em eventos em Portugal e no estrangeiro. Graças ao seu empenhamento e elevado nível de actividade, tornou-se uma referência Maçónica reconhecida internacionalmente, tendo sido convidado a participar na criação ou consagração de vários Supremos Conselhos (Costa do

Marfim, Hungria, Bulgária, Arménia, Estónia, Letónia, Lituânia, Sérvia e Eslováquia), o que lhe fez granjear reconhecimento e amizade em diversos países.

Após a passagem ao Oriente Eterno do Ir. Pisani Burnay, em 1997, tive a honra de ser eleito Soberano Grande Comendador, cargo que desempenhei durante dois mandatos consecutivos. No primeiro, fui empossado pelo Ill. Ir. Bob Edward, 33°, em representação da Jurisdição Sul dos EUA. No segundo mandato, fui empossado pelo Ill. Ir. Robert Ralston, 33°, Soberano Grande Comendador da Jurisdição Norte dos EUA.

Na tomada de posse do meu sucessor, Ill Ir. Agostinho Garcia, 33°, em Lisboa, em 2007, tivemos o grande prazer de contar com a presença de mais de 35 delegações de países de todos os continentes.

Do trabalho feito no sentido de cimentar de forma categórica as nossas relações com outros Supremos Conselhos, resultaram muitos graus honoríficos endereçados ao Supremo Conselho para Portugal, na pessoa do seu Soberano: Soberano Grande Comendador de Honra para Brasil, Espanha e Alemanha; Membro de Honra para a Jurisdição Sul e Jurisdição Norte dos EUA, França, Finlândia, Bélgica, Holanda, Suíça, Itália, África do Sul, Israel, Lituânia, Letónia, Estónia, Sérvia, Bulgária, Arménia, México e Chile; e ainda Grande Representante de Cuba para Portugal.

Desde a sua fundação, o nosso Supremo

Conselho esteve sempre representado nas Conferências dos Supremos Conselhos da Europa, que se realizam de dois em dois anos, e nas Conferências Mundiais que se realizam de cinco em cinco anos em vários continentes. Em 2005, em Sidney, na XVI Conferência Mundial, foi atribuída a Portugal a Vice-Presidência da próxima Conferência, a realizar em Toronto, em 2010, e a Presidência da seguinte, em Lisboa, em 2015.

Entretanto, temos desenvolvido de maneira sustentada as nossas relações com Espanha, de que resultou, em 2009, em Zaragoza, a criação de um Capítulo Ibérico, ponto de encontro privilegiado entre os Maçons do Rito Escocês Antigo e Aceite de Portugal e Espanha. Entre as realizações de que mais nos orgulhamos, pela oportunidade dos temas e pela qualidade das comunicações, salientam-se os Encontros Bienais de Monte Real, organizados pela Loja de Perfeição Pisani Burnay, de Leiria, um bom exemplo de trabalho maçónico desenvolvido pelos Membros do nosso Supremo Conselho.



AS NOVAS PRIORIDADES

POR ANTÓNIO NETO DA SILVA

AS NOVAS PRIORIDADES

A questão a que somos, aqui, chamados a responder, é muito importante e a resposta é urgente: iremos nós, Maçons, continuar a trabalhar isolados ou iremos fazê-lo, de mãos dadas com outras potências, para defender os Direitos do Homem e o Primado do Direito? Iremos nós atraiçoar as gerações futuras permitindo que, devido a fragilidades geradoras de divisões, a civilização que herdamos se desintegre e o Planeta se torne inabitável?

A Maçonaria é unir, não é separar. É solidariedade, não é hostilidade. É cooperação, não é competição. A concorrência gera vencedores e vencidos. A cooperação gera invencíveis. Perante os desafios de hoje, só a cooperação entre todos os Maçons e as pessoas e Entidades que defendem objectivos próximos dos nossos garante a invencibilidade na luta, que de novo se avizinha, pelos Direitos do Homem, pela Democracia, pela Razão e pela Liberdade.

Vivemos, ainda, governos de leis e não de homens. Mas, para que isto continue a ser assim, é necessário que nasça, entre nós, um novo espírito. O nosso eu interior tem que se tornar disponível para receber uma nova orientação porque precisamos, urgentemente, de uma nova via que nos leve para além da escurecimento que tem estado a abater-se sobre nós. Precisamos de uma nova Visão. Como dizia

Salomão, há quase 3 mil anos, “onde não há visão, o povo perece”. A Humanidade, a nossa Sociedade, está mergulhada no silêncio e na obscuridade provocada pela manipulação dos nossos subconscientes, feita por forças que utilizam técnicas muito sofisticadas de propaganda baseadas em estudos psicológicos e que utilizam os meios electrónicos de comunicação de massas para nos condicionarem.

Os nossos antepassados Maçons lutaram todas as suas vidas, e alguns perderam-nas, para defender o primado da Razão. E conseguiram legar-nos um mundo imperfeito, mas o mais perfeito em que a raça humana alguma vez viveu. De facto, os cidadãos estão a perder a capacidade de utilizarem a razão para fazerem as suas escolhas. O debate das ideias está anestesiado. É por isso que nós, Maçons, somos colectivamente essenciais para a sobrevivência dos valores estruturais que formataram o século XX e que, com dificuldade, se mantêm no início deste séc. XXI. Estamos em uma encruzilhada crítica. Os desafios são universais. A resposta só pode ser universal. Não há, por isso, espaço para divisões. A Maçonaria deve estruturar-se numa cooperação estreita ou não terá futuro. E, se a Maçonaria não tiver futuro, a Liberdade, a Democracia, a Tolerância, a Solidariedade, o Progresso em que todos possam participar, também o não terão.

Procurarei, agora, explicar porquê.

A Maçonaria é um espaço de Solidariedade na construção do Templo e no seu aperfeiçoamento permanente.

Há, a meu ver, três dimensões do Templo:

O Templo Interno, que existe dentro de cada um de nós. Construir o Templo, nesta dimensão, significa construir-mo-nos a nós próprios, segundo os Ensinamentos. Aperfeiçoamos a nossa essência na Solidariedade, na Tolerância, no Silêncio e, acima de tudo, NOS ACTOS. Ninguém nos segue por longo tempo pelo que dizemos. Seguem-nos por aquilo que fazemos. O nosso caminho individual para a perfeição irradia Luz para as outras duas dimensões do Templo: o Templo da Solidariedade Maçónica e o Templo da Intervenção nos Rumos da Sociedade.

A segunda dimensão é a da Solidariedade Maçónica. Os alicerces do Templo assentam na via da perfeição individual, na pedra, mais ou menos perfeita, em que nos consigamos transformar, por um trabalho de lapidação, permanente e paciente. Complementarmente, a Solidariedade Interna Maçónica constitui o cimento que suporta todo o edifício. Quando fiz a minha iniciação, foi-me dito que um dos princípios-base de relacionamento entre Irmãos é o seguinte: “Quando um Irmão pede ajuda, primeiro ajuda-se e só depois, se necessário, se farão perguntas”. Podemos não precisar de ajuda uma vida inteira. Mas sabermos que temos milhões de Irmãos prontos a ajudar-nos permite-nos passar as encruzilhadas e as ciladas da vida profana

com tranquilidade. Esta Solidariedade constitui o cimento que nos une.

A terceira dimensão é a da construção do Templo Universal. Isto é, a intervenção da Ordem no aperfeiçoamento da Sociedade. Muito temos feito, desde a aprovação da Carta dos Direitos do Homem na ONU aos acordos de Camp David. Esta área, apesar dos importantes contributos dados, é uma área complicada, porque aparentemente geradora de conflitos, dado que, da organização da Sociedade temos, em geral, opiniões e opções que podem dividir-nos. É esta a área a que chamo externa. É evidente que o nosso exemplo individual no mundo profano molda a Sociedade que nos está mais próxima. Mas não consegue moldar a Sociedade como um todo, apenas pelo somatório dos que por nós são directamente influenciados. Ora, os princípios da Liberdade, da Tolerância e da Solidariedade são comuns a todas as Obediências Maçónicas. Esses princípios unem-nos, porque neles acreditamos. Por isso mesmo, a Ordem tem que intervir discretamente, em Silêncio, na vida das Organizações, da Administração Pública e Privada, nos rumos da Sociedade em geral. Não se constituindo como suporte de Partidos, mas pairando acima deles, como Consciência Organizada e Activa.

Esta terceira dimensão é urgente e, por isso, me debruçarei fundamentalmente sobre ela.

Foi sempre missão inalienável da Maçonaria formatar a Sociedade para que ela seguisse os rumos da Liberdade e da plenitude da realização do indivíduo. O período de ouro que

tivemos a felicidade de viver e que devemos a muitos Maçons notáveis que nos precederam está em grave risco. Identifico, como principais desafios, os seguintes:

O individualismo excessivo que caracteriza os dias de hoje.

Os fundamentalismos religiosos e os seus derivados, os terrorismos religiosos.

O abuso de poder dos Governos nas Democracias, para o qual a justificação aparece como a necessidade de defender os cidadãos face ao Terrorismo, mas que pode vir a revelar-se tão mau para as Sociedades Livres como aquele.

O desaparecimento das ideologias (e a conseqüente convergência para estruturas equivalentes a Partidos Únicos).

A construção, em sentido unívoco, da opinião e o adormecimento conseqüente das consciências.

A Globalização Competitiva com a ideologia dominante da eficiência e competitividade.

O esgotamento dos recursos naturais que sustentam a vida humana no Planeta.

Apesar de 7 ser um número perfeito não esgotei os factores que tendem a destruir a Liberdade. Como empresa humana, este escrito não é perfeito. Mas debrucemo-nos sobre estes factores principais.

Vivemos numa época de perplexidade. Queixamo-nos sistematicamente da desagregação das famílias, da insegurança nas ruas e nas casas, do desrespeito pelas instituições, pelas pessoas, da falta à verdade de governos e de governados, dos escândalos envolvendo os mais altos dignitários das nações, uns baseados em verdade, outros inventados e manipulados pelos media, que destroem homens e as suas famílias, por mais honrados que sejam, para abrir caminho a outros ávidos de poder e sem escrúpulos.

A opinião pública ri-se quando se fala de valores fundamentais como honestidade, verticalidade, caridade, dimensão de estado, da simples noção de servir os países, o mundo ou os semelhantes. Ri-se por não considerar já possível haver verdade nessas intenções ou desinteresse na sua prática.

A noção de construção de um futuro comum, valor maçónico fundamental da construção do templo universal, parece ter-se desintegrado. Quanto mais observámos o mundo profano mais perplexos ficamos com a evolução da espécie humana. Quanto mais nos lamentamos maior nos parece a nossa própria insuficiência para mudar o mundo para melhor. Porque estamos nesta tremenda fase de tão elevada riqueza material e de tanta carência espiritual? E não é, afinal, essa carência que aqui nos une?

A razão fundamental advém do facto de a última década do séc. XX e a entrada no séc. XXI se caracterizarem pelo triunfo do indivi-

dualismo. É este individualismo que está a levar a sociedade para um caminho que temos que moldar segundo os princípios maçónicos do aperfeiçoamento.

Hoje, o que quer que desejemos, o mercado fornece. A nossa vida é marcada por algo que nos está subjacente e que a publicidade permanentemente nos deixa antever: “tenha tudo sempre de acordo com o seu desejo”. Em consequência, a sociedade ocidental está hoje fragmentada em milhões de indivíduos.

O sentido de grupo ou de comunidade perdeu-se. Não pensamos em “nós” mas em “mim”, o eu soberano. Os interesses do grupo, do país, do estado ou do planeta estão literalmente marginalizados na nossa postura profana.

Dada a imensa quantidade de opções disponíveis, a vida transformou-se em um supermercado. Cada um de nós escolhe, com individualismo absoluto, a solução que pensa nos fará mais feliz. Se não gostamos do nosso casamento, divorciamo-nos. Se não gostamos da forma como sentimos os nossos humores, tomamos drogas. Se não gostamos do nosso aspecto, fazemos uma operação plástica.

É verdade que a sociedade em que vivemos é muito mais aperfeiçoada que as sociedades anteriores. A primazia do indivíduo, do consumidor, princípio sacro da economia de mercado, trouxe maior liberdade às pessoas. O elitismo e o paternalismo esbateram-se, aumentando as oportunidades a todos os que

não pertenciam à tradicional classe dominante. Uma maior diversidade tornou a sociedade mais livre.

Mas, a soberania individual está a conduzir à erosão das estruturas tradicionais da sociedade, com a consequente perda de estabilidade na vida das pessoas, criando confusão e incerteza.

Maior individualismo significa que as pessoas põem cada vez mais os seus interesses pessoais acima dos interesses da sociedade como um todo, destruindo a prática do civismo, a noção do interesse comum e os valores morais. A gratificação individual de cada um de nós poder ter tudo o que quer, da forma que quer, mina a autoridade e a responsabilidade de cada um perante os seus semelhantes, conduzindo ao declínio da sociedade quase perfeita com que sonhamos ao fazermos o elogio à tolerância e à liberdade dos homens. A liberdade e a tolerância transformadas em puro individualismo destroem a fraternidade e a solidariedade, fundamentos necessários da quadrilogia liberdade, tolerância, fraternidade e solidariedade. Quando um dos pilares falha, a sociedade pode ruir. A nossa acção no mundo profano exige a defesa intransigente da convivência dos quatro pilares.

Com a força do marketing a seduzi-los com *slogans* como “se você quiser, será seu”, a geração nascida no pós-guerra interiorizou o direito a ter tudo, tal como quer, qualquer que seja o seu capricho individual.

Com a globalização em curso e o impressionante aumento da concorrência entre empresas, a fanática devoção aos soberanos desejos do consumidor é considerada a missão de qualquer empresa.

Os indivíduos estão a transformar-se em deuses e querem ser tratados como tal. A tão proclamada diferenciação de produtos não é mais que a afirmação do narcisismo das pequenas diferenças.

Hoje, instalada, a democracia liberal, como referia Fukuyama em 1992, no seu livro “The end of history and the last man” atingiu o seu último propósito, deixando-a sem nenhum outro patamar a atingir senão o de se espalhar a todos os cantos da terra (globalização).

O problema fundamental é que o individualismo triunfante não é um patamar no caminho para algo melhor: o individualismo é um destino final.

Mas andar para trás significaria voltar a um mundo autoritário, menos perfeito, onde as liberdades e garantias dos cidadãos consagrados na carta dos direitos humanos serão postas em causa.

A Maçonaria tem, portanto, um papel fundamental nos dias que correm. Há que reforçar o equilíbrio necessário dos quatro pilares: *tolerância, liberdade, fraternidade e solidariedade*.

Não há liberdade sem tolerância.

Mas a liberdade e a tolerância auto-destruírem-se-ão se não estiverem fortemente suportadas em *fraternidade e solidariedade*, os dois conceitos incompatíveis com o individualismo excessivo.

O caminho é, respeitando a liberdade individual e praticando-a, implementarmos o civismo e sentido de colectividade, de humanidade. É o nós acima do eu.

O segundo desafio, os fundamentalismos religiosos. O reaparecimento, na cena internacional, do fundamentalismo islâmico criou 3 perigos que há que debelar. O primeiro, o de que aquele terrorismo pudesse sair vitorioso. Nesse caso regressaríamos à Idade Média. O Estado e a Igreja seriam uma só entidade. Em segundo lugar, o risco do aparecimento de outros fundamentalismos religiosos de resposta. O resultado desse aparecimento e do seu eventual sucesso conduzir-nos-ia exactamente à mesma situação que a afirmação do fundamentalismo Islâmico.

O terceiro, o risco, que tem vindo a materializar-se de Governos ou Chefes de Governo do Ocidente, sob o pretexto de protegerem a população contra o terrorismo religioso, arrogarem-se o direito e a prática de não cumprirem as Constituições dos seus países, o direito internacional, o direito de privacidade dos cidadãos e caírem na tentação adicional de controlar o poder judicial. O resultado desta evolução, quando os poderes de fiscalização dos actos dos executivos ficassem por eles dominados e quando os direitos e

garantias dos cidadãos deixassem de ser respeitados, poderia não nos conduzir à Idade Média, mas já não estaríamos em Democracia.

O desaparecimento das ideologias, por seu turno, conduz-nos perigosamente para a tentativa não democrática. De facto, têm ocorrido mudanças sem precedentes no ambiente em que as ideias vivem e se difundem ou estiolam e morrem. Refiro-me, concretamente, ao mercado das ideias na área pública. Hoje, na maioria dos Países livres, não é possível descobrir diferenças nas práticas dos Partidos quando se tornam governo. A única coisa que distingue os Partidos não é defenderem ideologias diferentes ou conceitos diferentes de gerir as Sociedades mas o facto de as pessoas que os formam serem diferentes. Isto conduz ao uniformismo e à sensação, enraizada nos cidadãos, de que a participação no debate democrático das ideias não vale a pena. Daí, também, os níveis assustadores da abstenção.

Por seu lado, a globalização competitiva, assente em dois vectores fundamentais, a eficiência e a competitividade, ocupou, com estes seus valores supremos, o lugar deixado vago pelas ideologias. Eficiência e competitividade são vistas como os valores máximos para o sucesso de uma Sociedade. Individualismo, eficiência e competitividade, deixados à solta, produzirão muito ricos e muito pobres. A Solidariedade, princípio básico para estabilidade de qualquer Sociedade, não está presente.

Além do mais, eficiência e competitividade e, portanto, crescimento económico a todo o

custo são incompatíveis com um Planeta viável. É extraordinária a capacidade do Homem para ignorar aquilo que é, empiricamente, elementar: o nosso Planeta é finito. O que é finito esgota-se se o ritmo de crescimento não permitir a renovação dos recursos e, particularmente, dos recursos que sustentam a vida. Por isso, os valores supremos que substituíram as ideologias não levam a Humanidade por um caminho seguro. Além do mais, o nosso Planeta é um organismo vivo, que se defenderá do Homem se o Homem não se defender de si próprio. Um vírus, letal para uma parte substancial da Humanidade, ou uma guerra de dimensão mundial podem estar no horizonte. Os Maçons não querem isto. Mas não querendo, *terão que lutar* pela alternativa. Juntos entre si e com todos as entidades que pretendam o mesmo.

É uma perplexidade verificar que a opinião pública está anestesiada, adormecida, confusa, perante perigos desta dimensão. A verdade é que o poderosíssimo meio de informação unívoca que é a televisão, que nos senta nos sofás como vegetais e nos introduz no cérebro todas as mensagens que quer que registemos no subconsciente, adormeceu as consciências. Hoje, só quem tem acesso à televisão é que penetra na população. Hoje, quem quer ganhar eleições tem que comprar períodos televisivos. Para os comprar precisa de muito dinheiro. Para o conseguir recorre a entidades que lhes condicionam a acção, uma vez eleitos, tornando-os guardas avançados dos seus interesses. Trinta segundos de televisão, transmitindo verdades ou falsidades,

têm muito mais força que qualquer argumento verdadeiro, que qualquer ideia com mérito. Informando ou desinformando a televisão formata os subconscientes. Quase tudo que os cidadãos absorvem nas muitas horas que passam em frente às televisões é pago para ser transmitido. E não podemos dar a nossa opinião, entrar na discussão. As ideias dominantes não são necessariamente as que têm mérito mas apenas as que passam na televisão. Não temos, assim, que nos admirar com os índices de violência na nossa Sociedade nem com o triunfo da mentira. Mas não é isso que os Maçons querem. É exactamente pelo contrário que lutam. Nós temos a convicção que os cidadãos livres se conseguem governar de uma forma sensata, recorrendo ao debate com base na melhor informação disponível e não ao poder puro e simples. É aquele debate, hoje condicionado pelo poder puro e simples, que nos conduz a assumir a forma de uma inteligência geral, uma moralidade sólida e o respeito pelas leis.

As Sociedades organizam-se de forma cada vez mais complexa. A democracia constitui uma conquista da Maçonaria e traduz, nos seus princípios, os nossos valores. Do mesmo modo que a Carta Universal dos Direitos do Homem é um documento produzido pela Maçonaria também os acordos de Camp David foram possíveis porque a chefiar os dois lados, antes em conflito irreduzível, estavam dois Maçons.

Diz-se muito, hoje, que a Maçonaria, com a consolidação das democracias, deixou de fazer sentido, que está órfã de um projecto. Muito

se enganam os que dizem isso. A Maçonaria foi decisiva na implementação das democracias, da igualdade entre os Homens, do respeito pela Liberdade, pela Tolerância, que não seja frouxa, e da Solidariedade. Digo Tolerância que não seja frouxa porque a Tolerância acaba no momento em que pretendam derubar a nossa liberdade. Este é um princípio que é fundamental manter presente hoje.

Diz-se, então, que conquistada a Democracia e o respeito pelos Direitos Humanos a Maçonaria deixou de ter objectivo. Repito: muito se engana quem o diz. É que a Democracia e Direitos Humanos, por um lado, estão em grave risco e, por outro, têm um pressuposto fundamental: o direito à vida. E o Direito à Vida nunca esteve em risco como hoje está. Conquistamos a Democracia, a Liberdade, o respeito pelos Direitos Humanos mas vamos ter que continuar a lutar por eles. Conseguimos um importante desenvolvimento tecnológico, libertamos povos oprimidos, mas hoje estamos confrontados com um risco terrível, que só pode ser controlado e vencido se a Maçonaria sobre ele actuar com toda a sua força. O risco é o do desaparecimento das condições de vida sobre o Planeta Terra, devido a uma sobre exploração dos seus recursos, não apenas dos recursos que constituem as matérias-primas da produção mas, fundamentalmente, dos recursos que suportam a vida, como, por exemplo, a água, o ar, ou o ozono. O Homem caminha a passos largos para a sua própria autodestruição. De que valeriam a Democracia e os Direitos Humanos se não houvesse água potável, ar para



respirar ou se o Sol de benéfico passasse a destruir a vida. De que serviriam as nossas conquistas se permitíssemos que a Humanidade se autodestruísse? Infelizmente é nesse sentido que o Homem caminha. A Globalização Competitiva em curso, tem criado condições de vida melhores para biliões de pessoas, que sempre viveram no limiar da pobreza extrema. Mas os valores dominantes desta Globalização, valores que substituíram as ideologias, são a eficiência e a competitividade. Esses valores pressupõem ser possível um crescimento contínuo num Planeta que é finito. Esse crescimento contínuo é impossível. Só a Maçonaria tem a estrutura de valores que permite impedir o desastre. Só a Maçonaria tem a estrutura de valores que permitirá que satisfaçamos as nossas necessidades de hoje garantindo que as gerações futuras possam,

também, com qualidade e dignidade, garantir a satisfação das suas necessidades no futuro. Nunca, como hoje, a Maçonaria teve um projecto de tal envergadura e complexidade: o de salvar o Homem de si próprio. Desígnio no qual temos que concentrar todas as nossas forças. O nosso trabalho é essencial ao futuro da Humanidade. Antes fomos decisivos na garantia da dignidade dos indivíduos e da Sociedade. Fomos decisivos no aperfeiçoamento da forma como os seres humanos se relacionavam. Hoje, o nosso projecto é bem mais decisivo. É o de garantir as condições de vida da Humanidade, a manutenção da espécie e a Liberdade.

Posto tudo isto, temos que saber se a resposta de cada uma das Obediências Maçónicas e de outras Entidades próximas em termos dos valores que defendem é diferente, quer

relativamente aos objectivos a atingir, quer aos meios para os atingir. É diferente ou é a mesma? Perguntado de outra forma: estamos comprometidos com respostas idênticas face aos perigos que a Sociedade, no início do séc. XXI, enfrenta? E quais são as outras entidades que comungam das nossas preocupações e dos nossos valores e com quem possamos unir esforços?

Eis as questões fundamentais a responder:

Estamos de acordo que o Estado de Direito deve ser mantido?

Estamos de acordo que os Direitos do Homem devem ser preservados?

Estamos de acordo sobre a superioridade da Democracia e a necessidade fundamental da sua defesa?

Estamos de acordo que o interesse colectivo deve prevalecer sobre os interesses egoístas do individualismo exacerbado?

Estamos de acordo que não podemos permitir que as consciências continuem a ser manipuladas por anúncios ou por programas de televisão, comprados por políticos ou conglomerados, condicionando aqueles aos interesses destes, e destituindo o mundo do pensamento livre e do primado da razão?

Estamos de acordo que não se pode permitir a proliferação dos fundamentalismos religiosos, venham eles de onde vierem, nem a

não separação entre o poder legislativo e o poder religioso?

Estamos de acordo que não se pode permitir o não cumprimento, pelos eleitos, das Constituições ou dos Direitos do Homem, com base no argumento de que esses abusos e privações de liberdade se justificam pela necessidade de nos protegerem dos perigos do terrorismo?

Estamos de acordo que não podemos permitir que a homogeneização da opinião, através dos meios televisivos e da rádio, suprimam o debate de ideias e conduzam, na prática, a uma situação de ausência de participação democrática dos cidadãos sobre o futuro comum?

Estamos de acordo que o poder judicial não pode ser dominado pelo poder legislativo/executivo pois isso traria, como consequência, a supressão das garantias de um Estado de Direito?

Estamos de acordo que o nosso futuro e o das próximas gerações não podem ser postos em causa pela ideologia do crescimento económico contínuo? Pelo menos enquanto as tecnologias do futuro não o permitam, no pleno respeito pela capacidade e tempo de que o Planeta necessita para renovar os recursos essenciais à vida?

Se a resposta a todas estas perguntas (e a muitas outras equivalentes ou delas dedutíveis) é SIM, então estamos todos de

acordo e a plataforma para uma Cooperação Estreita de todas as entidades que defendem estes valores está lançada. Mas, se, além disso, a resposta a todas elas é que, para além de não aceitarmos aquelas tendências, nos empenharemos e lutaremos para garantir a Liberdade e a Vida, dando as respostas universais para estes desafios universais, então a Maçonaria tem o encargo de desempenhar o seu papel Histórico na defesa e na aglutinação de vontades de todos, mesmo de outras organizações, cujos objectivos coincidam com os nossos. De facto, a Organização Política parece não conseguir garantir, neste início de século, os valores que nos unem e que constituem a essência da nossa Organização.

A Maçonaria Regular tem *Landmarks* e Regras de Reconhecimento que é mister respeitar nos trabalhos em Loja.

Independentemente de poder a vir a ser posta pelas potências regulares do mundo, uma necessidade de revisão das Regras de Reconhecimento, estabelecidas em Londres, a 4 de Setembro de 1929 com vista à sua adequação às profundas alterações sociais e direitos de cidadania desde então ocorridas e aos desafios que teremos que enfrentar juntos, não existe, quer perante os *Landmarks* e Regras de Reconhecimento quer perante as nossas Constituições que devemos e queremos todos respeitar, qualquer razão substancial que nos leve a excluir a cooperação com todos aqueles que, face aos grandes desafios aos nossos

valores supremos, pensam como nós e, para os vencer, connosco queiram lutar ombro a ombro.

Este é o caminho que o S.C. do REAA para Portugal está a intentar percorrer.

Afinal, que Terminando é bom reter algumas verdades:

A concorrência faz vencidos e vencedores. A cooperação faz invencíveis.

Não podemos desperdiçar os corações que querem o mesmo que nós, sob pena de não sermos força suficiente para assegurar a Liberdade e o Desenvolvimento Sustentável.

Entidades que defendem idênticos princípios e visam objectivos comuns de costas voltadas não são apropriadas àquilo que a História, hoje, nos exige.

“The warriors are gentler than lambs and fiercer than lions, wedding the mildness of the monk with the valour of the knight, so that it is difficult to decide which to call them: men to adorn the Temple of Solomon with weapons instead of gems, with shields instead of crowns of gold, with saddles and bridles instead of candelabra: eager for victory – not fame; for battle not for pomp; who abhor wasteful speech, unnecessary action, unmeasured laughter, gossip and chatter, as they despise all vain things: who, in spite of their being many, live in one house according to one rule, with one soul and one heart.”

St. Bernard of Clairvaux



A BOA PROMOÇÃO MAÇÓNICA:
DO ÚLTIMO LIVRO
DE DAN BROWN
ÀS RECENTES OBRAS MUSICAIS
DE RENÉ JACOBS

POR JOSÉ MANUEL ANES

A BOA PROPAGANDA MAÇÓNICA: DO ÚLTIMO LIVRO DE DAN BROWN ÀS RECENTES OBRAS MUSICAIS DE RENÉ JACOBS

O ano de 2009 foi marcado por intervenções culturais diversas que terão contribuído – assim o esperamos - para uma boa imagem, a nível global, da Ordem Maçónica e dos seus valores. No contexto da literatura para o grande público, saliência especial para “O Símbolo Perdido” de Dan Brown, último livro deste autor de “best-sellers” relacionados com o mistério, os segredos, o oculto e as conspirações, desta vez dedicado à Maçonaria e, por outro lado, no quadro de obras musicais, para uma elite de melómanos, é importante assinalar as interpretações da Orquestra Barroca de Friburgo, em duas caixas de CDs, da ópera “Idomeneu” de Mozart e do oratório “A Criação” de Haydn – ambos maçons – acompanhadas de dois DVDs (de bónus) onde o nosso Irmão, o prestigiadíssimo maestro e grande especialista de música barroca e clássica, René Jacobs explica o significado maçónico destas importantes composições do século XVIII.

“O SÍMBOLO PERDIDO”

Muitos maçons esperavam com ansiedade - e com algum receio - a publicação do último

livro de Dan Brown, já há tempos anunciado como sendo dedicado à Maçonaria (lembramos os ataques à Opus Dei em livro anterior do mesmo autor, “O Código DaVinci”). Um suspiro de alívio atravessou os grupos maçónicos da Internet – por exemplo da “Internet Lodge” da U.G.L.E. - ao verificar que a obra não era contrária à nossa Ordem, muito pelo contrário, tratava-se de uma importante contribuição para a divulgação, junto do grande público, da grandeza dos nossos ideais. Não sabemos se Dan Brown é já maçom, mas se ainda não o é não faltará muito para que o seja...

De facto não surpreende que um americano interessado nos mistérios e nas sociedades “iniciáticas” (e outras) diga bem da Maçonaria, particularmente quando fala de Washington, a capital e de Washington, o Presidente. É sabido que oito dos subscritores da Declaração da Independência dos EUA foram maçons (Benjamim Franklin, é um dos nomes mais sonantes) e que o próprio George Washington procedeu ao lançamento da primeira pedra do Capitólio paramentado de maçom e realizando, com os seus Irmãos da Loja,

uma cerimónia maçónica. Foram Presidentes 16 maçons, de entre os quais (para além do primeiro), Madison, Theodor Roosevelt, James Monroe, Andrew Jackson, Woodrow Wilson, Franklin D. Roosevelt, Harry Truman (que foi eleito depois de ter sido Grão Mestre!) e Gerald Ford (por regra, só se podem referir os que já morreram).

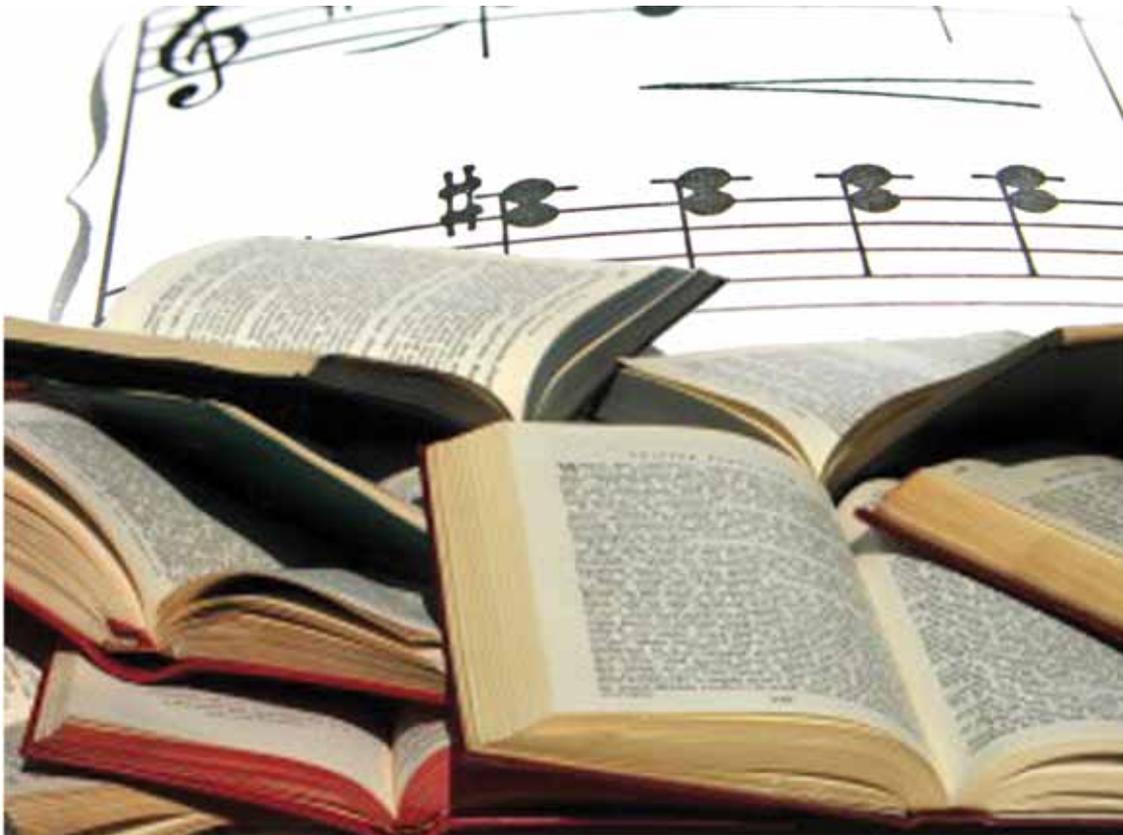
Mas a importância da Maçonaria americana não se situa apenas na dimensão quantitativa dos seus quase 3 milhões de membros, pois a qualidade dos seus membros é saliente nas mais diversas actividades: generais Marshall e McArthur, industriais como A. Pullman, A. Bell, H. Ford, W. Chrysler, K. Gillette, e músicos como Irvin Berlin, John Philip de Sousa, Louis Armstrong, Count Basie e Duke Ellington, Lionel Hampton, Nat King Cole, astronautas como Glenn, Armstrong, Aldrin, Austin, polícias como Edgar Hoover, aviadores como Lindberg e os irmãos Wright, actores como Bob Hope, Ernest Borgnine e John Wayne, etc., etc. .

E por isso também se compreende que a revista “Time” dissesse, como o fez recentemente, referindo-se ao livro: “É uma ode à América!”. Nem poderia ele deixar de ser elogioso para a Maçonaria já que a trama do livro se desenrola em Washington D.C. – e também, em particular, na “Casa do Templo” (“The House of the Temple”), sede da Jurisdição Sul do Supremo Conselho dos E.U.A. do R.E.A.A., bem conhecida do nosso Supremo Conselho - e faz apelo à enorme dimensão da contribuição maçónica dos “Pais Fundadores” da nação norte-americana, a começar

pelo próprio George Washington – que consagrou a primeira pedra do Capitólio numa cerimónia maçónica, devidamente paramentado! Recordemos que cerca de uma dezena de subscritores da Declaração da Independência dos EUA eram maçons e que vários deles redigiram ou ajudaram a redigir a Constituição da grande nação norte-americana.

Portugal não foi alheio à génese dos EUA pois, embora sendo aliado da Grã-Bretanha, foi dos primeiros países a reconhecê-la – facto a que não deve ter sido alheio a amizade entre o futuro Presidente Thomas Jefferson e o nosso maçom Abade Correia da Serra (que era visita de casa), o qual foi iniciado em Filadélfia quando era Embaixador de Portugal. Também é de salientar outro maçom português, representante diplomático nos EUA, que foi igualmente iniciado em Filadélfia, Hipólito José da Costa, que em 1802 foi mandatado pelos maçons portugueses para ir a Londres buscar a carta patente de constituição da primeira obediência regular portuguesa (a Grande Loja de Lisboa ou de Portugal) mas que logo que chegou ao nosso país foi preso por Pina Manique e interrogado pela Inquisição, tendo sido apreendida toda a importante documentação que trazia. Dei conta desta e outras dimensões da História da Maçonaria em Portugal numa entrevista que foi publicada no final do livro “O Símbolo Perdido Decifrado”, de David Kingsley (Ésquilo, 2009)

Temas como o Templo de Salomão (não inteiramente explorado como estava anunciado), o Segredo maçónico, os rituais da nossa



Fraternidade – reproduzidos com alguma fidelidade... – , a demanda da Palavra, os maus Companheiros (por vezes, como é o caso do livro, os maus Mestres...), a Geometria sagrada da capital dos EUA, etc., etc., etc., são estímulos à nossa cultura maçónica e à nossa imaginação simbólica. E aqui uma pequena crítica ao autor, pois poderemos perguntar se o tema da “ciência noética” não poderia ser alvo de uma obra à parte, já que ele acrescenta à dimensão dos mistérios e símbolos da Maçonaria e à grandeza dos seus ideais. (In)evitável também a referência a temas

cons-piracionistas tão na moda, centrados na expressão “Nova Ordem Mundial” – o governo oculto do mundo! - que figura na parte inferior da pirâmide do Grande Selo dos EUA e na nota de dólar. E aqui o “all seeing eye” – o olho que tudo vê, do Grande Arquitecto do Universo, é tema que sustenta a afirmação de que a Maçonaria domina o mundo...

Relativamente à arquitectura de Washington D.C. não podemos deixar de referir que o centro monumental e simbólico da cidade apresenta a estrutura de um Templo maçónico,

com o Capitólio a ocupar o Oriente, o Memorial a Lincoln situado no Ocidente, ficando o Memorial a Jefferson na posição Sul, o que deixa a posição Norte para a Casa Branca. No domínio simbólico refira-se ainda que, no livro, “o símbolo perdido” está escondido dentro de uma pirâmide, o que embora não seja verdade ritualmente, é verdadeiro no sentido simbólico pois quer no anglo-saxónico Arco Real (Emulação e York), quer no Grau de Mestre Escocês de Santo André, quer ainda no 13º. Grau do REAA, Cavaleiro do Arco Real de Enoch, a Palavra Perdida – num suporte triangular - é guardada quer numa cripta, quer ocultada debaixo de um pano, quer numa câmara com nove salas ou num poço de nove níveis (parecido com o grande poço iniciático da Regaleira...).

De qualquer modo a estrutura central do livro de Dan Brown assemelha-se ela própria a um mistério iniciático na sua dimensão de morte e ressurreição mas esse mistério vira contra-iniciático pela postura de Malakh – um anjo caído! - que quer obter o segredo sem o merecer, não exitando em matar o pai – esse sim um maçõn merecedor do segredo que conserva. Suprema contra-iniciação é ainda o auto-sacrifício de Malakh para poder ressuscitar como chefe do exército do mal – indesejável alegoria ao martírio suicida do terrorismo islamista!

Para finalizar estas breves considerações sobre o último livro de Dan Brown, deve dizer-se que é muito justa a íntima associação, feita no livro, entre a Maçonaria norte-americana o o “Scottish Rite”, o Rito Escocês Antigo e

Aceite que embora desenvolvido em França na segunda metade do século XVIII por nomes como Jean-Baptiste Willermoz (que escreveu os rituais de alguns graus do escocismo e, também, do Rito Escocês Rectificado) foi finalmente codificado em 1801, em Charleston, na sua estrutura actual, mas recebendo importantes contribuições doutrinárias e simbólicas com as interpretações de um notável maçõn: Albert Pike, o autor do monumental “Morals and Dogma”. Refira-se, por ser de enorme importância histórica, que o Supremo Conselho para Portugal do Grau 33º foi constituído pelo S.C. da Jurisdição Sul dos EUA e que desde a sua fundação as relações entre os SC norte-americanos – do Sul e do Norte – têm sido as melhores.

AS EDIÇÕES DE 2009 DE RENÉ JACOBS À FRENTE DA ORQUESTRA BAROCA DE FRIBURGO

A “nova” edição de “Idomeneu” de Mozart – extraordinária e pouco conhecida ópera composta quando ele tinha 25 anos – da responsabilidade do maestro René Jacobs (belga, a viver em Paris), para além da sua grande dimensão musicológica (que dá conta da descoberta recente da totalidade da obra), encerra uma enorme surpresa para os maçõns melómanos: a descrição detalhada e a explicação do carácter maçónico da obra que remete para uma crítica dos fundamentalismos e radicalismos religiosos, a propósito do enredo da



obra, centrado na história de Idomeneu, rei de Creta que, para escapar à tempestade no mar, faz ao deus Neptuno uma promessa sacrificial de que será alvo (acaso do destino) o seu filho Idamante. E aqui começa a revolta do rei contra uma religião que exige o sacrifício dos seus adeptos, contra um deus injusto, revolta que faz um claro apelo a uma religião do amor e da tolerância centrada num deus misericordioso – a “voz” que surge na ópera é, segundo Jacobs, a voz do GADU.

Por outro lado, a oratória “A Criação” de Haydn - que foi iniciado na Maçonaria por iniciativa do seu jovem amigo e admirador, Mozart, já maçom – dá testemunho de uma visão simbólica, não fundamentalista, do Génesis em que o pecado original não dá origem a uma condenação eterna da humanidade, já que depois de uma longa ária de louvor a Deus, Adão diz para Eva: “Já louvámos bastante ao Senhor, vamos agora gozar a vida que ele nos deu”. Mas há outra dimensão interes-

santíssima que Haydn e o autor do libretto (também maçom) nos oferecem: a ária da criação do Homem, referente a Adão é apenas completada musicalmente quando se refere a Eva!

Os dois DVDs de bônus (um em cada caixa de Cds) são um testemunho claro e corajoso da condição maçónica do maestro René Jacobs e da sua inteligência interpretativa de dois monumentos musicais do iluminismo setecentista de dois maçons (Mozart e Haydn) cren-tes – como todos nós, maçons regulares!

P.S.:Aguardamos com muito interesse o disco de René Jacobs e da Orquestra Barroca de Friburgo, com as Sinfonias “Praga” e “Júpiter” de Mozart, o qual sairá em Maio próximo.



HISTÓRIA
E FILOSOFIA
DO GRAU 4
DO R.E.A.A

POR FÉLIX LOPES

HISTÓRIA E FILOSOFIA DO GRAU 4 DO R.E.A.A.

O Grau 4 do Rito Escocês Antigo e Aceite é o primeiro do sistema de Altos Graus deste Rito, tal como foi estabelecido pelas Grandes Constituições de 1786, que segundo a tradição, foram sancionadas por Frederico II da Prússia, a 19 de Maio daquele ano, soberano que reunia um grande prestígio mundial, tanto a nível social e político como maçónico.

Importa referir que o Regime Escocês ou Escocismo terá surgido na França, nos finais do séc. XVII, e terá sido criado por maçons católicos, protestantes e judeus, imprimindo-lhe desde logo uma vertente universalista e independente de qualquer Religião, a qual procurou manter e enaltecer até aos dias de hoje.

A elaboração das Grandes Constituições teve por fim a colocação de ordem no caos resultante da proliferação de Ritos que se intitulavam do Regime Escocês, em meados e finais do séc. XVIII. Daí a divisa adoptada até hoje pelo R.E.A.A.: “Ordo ab Chaos”.

O Grau 4 pertence à primeira série dos Altos Graus do R.E.A.A., denominada de Graus Inefáveis ou de Perfeição, que compreende os Graus entre o 4 e o 14, série também conhecida por Maçonaria Vermelha.

O termo Inefável provém do facto de nestes Graus, por diversas vezes, se fazer referência

ao nome da Divindade, que, por não ser conhecido, não se pode pronunciar, o que o torna, portanto, inefável ou indizível.

O termo Perfeição, atribuído tanto aos Graus como à Loja que os transmite, refere-se à procura constante do Aperfeiçoamento que os Mestres Maçons devem manter, desiderato porventura inatingível, mas que terá de ser perseguido com perseverança.

Estas Lojas têm ainda o subtítulo de Excelsa ou Excelente, porque os ensinamentos e práticas ministrados nestes 11 Graus excedem os adquiridos nos Graus Simbólicos.

Ao Presidente da Excelsa Loja de Perfeição é-lhe conferido o título de Três Vezes Poderoso Mestre, como evocação das figuras do Rei Salomão, do Rei Hiram de Tiro e do Mestre Hiram Abif.

O Grau 4 é designado por Mestre Secreto. É uma continuação do Grau 3., Mestre Maçon, em que se volta a chorar a morte de Hiram Abif. Nesta primeira etapa do Caminho da Loja de Perfeição retorna-se à temática do Silêncio, do Sigilo e da Fidelidade, temas gratos e recorrentes na Maçonaria. Porque importa que nunca sejam olvidados e que os Obreiros os mantenham presentes para sempre.

Neste Grau exorta-se os Obreiros à Obediência, ao sentimento do Dever, à exaltação da Virtude e à disponibilização permanente para o Trabalho e Estudo maçônicos.

Neste Grau proclama-se que o ideal da Maçonaria é a VERDADE. Mas o que é a VERDADE? Todas as verdades serão relativas? Inerentes a cada ser humano e a cada época? Ou haverá uma verdade absoluta? E o Homem poderá, com as suas limitações, discerni-la ou mesmo entrevê-la?

Não sabemos se alguma vez teremos resposta para estas interrogações. Temos o Dever de, em Silêncio e com Tolerância, saber ouvir os outros e, em união, dia após dia, percorrermos o Caminho que nos conduza a uma sociedade mais justa, solidária e fraterna. Em que a Liberdade de pensamento seja uma realidade, com o Respeito pelos Direitos de todos os Homens.

Para tal, enquanto maçons dentro dos nossos Templos, deveremos manter-nos independentes de todas as doutrinas religiosas, políticas, económicas e sociais. E, em quaisquer circunstâncias, dentro e fora de colunas, mantermo-nos vigilantes e prontos a lutar contra a Tirania e os Fundamentalismos.

O Grau 4 das Lojas de Perfeição do R.E.A.A. pretende ser uma porta para um Caminho, que os Mestres Maçons possam percorrer e partilhar com outros irmãos, sem preconceitos prévios, em Paz, Harmonia e Tolerância na demanda da Verdade e da Perfeição.

Para finalizar, resta-me ilustrar este texto sucinto com um excerto paradigmático e angular do Ritual: “...uma extraordinária admiração deve a todos empolgar, pois é sublime reunir, no seio de uma Loja, cristãos, protestantes, católicos, espíritas, maometanos, israelitas e budistas, como monarquistas e republicanos e a todos dizer: «Aqui, as vossas disputas não encontrarão eco, aqui, não ofendereis a ninguém e ninguém vos ofenderá»

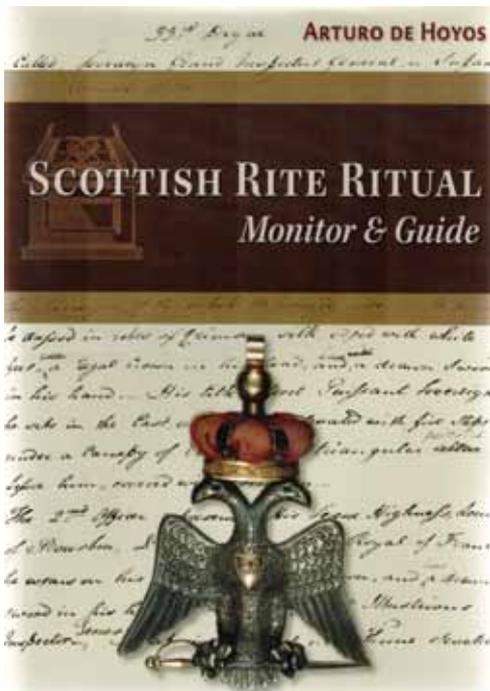




LEITURAS

POR A. PAIVA

ARTURO DE HOYOS,
THE SCOTTISH RITE RITUAL
MONITOR AND GUIDE,
2007: THE SUPREME COUNCIL,
33°, SOUTHERN JURISDICTION,
WASHINGTON, D. C.



Este livro de quase mil páginas, já em 2ª edição, no seu penúltimo Apêndice (“Scottish Rite Monitors: a Brief Overview”) define um “masonic monitor” como sendo um guia ou livro de instruções, que inclui extractos exotéricos das cerimónias, prelecções e rituais dos vários Graus.

Trata-se de uma obra notável pela abrangência das matérias e pelo rigor da exposição, o que

faz dela o mais completo guia do Rito Escocês Antigo e Aceite (REAA) até hoje publicado.

Mas é também notável por ser o primeiro manual com carácter oficial publicado nos últimos 100 anos pelo Supremo Conselho, 33°, da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América, o Supremo Conselho Mãe dos Supremos Conselhos do Mundo. Resulta de um pedido feito ao autor por Ronald A. Seale, 33°, actual Soberano Grande Comendador daquele Supremo Conselho, que assina um dos prefácios do livro.

E, por último mas não menos importante, é notável ainda pela autoridade que lhe advém do seu autor. De facto, Arturo de Hoyos, 33°, Grande Arquivista e Grande Historiador daquele Supremo Conselho, é um autor com competência e autoridade unanimemente reconhecidas em tudo o que respeita à Maçonaria em geral e à História e Rituais do REAA em particular, como o atestam as várias publicações de que é autor, editor ou tradutor.

A parte central do livro – 760 páginas - é um compêndio com a sinopse de cada um dos graus do 4º a 32º e da investidura em “Knight Commander of the Court of Honour”. As cerimónias, diálogos, prelecções, lendas, poesia e canções daqueles graus são apresentados, no dizer de Ronald A. Seale, com um detalhe superior ao de qualquer outra publicação.

A primeira parte do livro fornece informações concisas e precisas acerca da história, filosofia, estrutura, rituais, emblemas, deco-

rações e símbolos do REAA, com ênfase na realidade dos EUA, suportados em três textos seminais de Albert Pike (“Some Thoughts on the Nature and Purposes of Freemasonry”, “What Masonry Is and Its Objects” e “On the Purposes of the Scottish Rite”).

Dos sete Apêndices que constituem a parte final do livro – reprodução de documentos antigos, recensões de outros compêndios, calendários e alfabetos e cifras maçónicas - chama-se a atenção para o último, com sugestões de obras sobre a Maçonaria e o REAA, as quais têm a vantagem de ser uma escolha proposta com a autoridade que enforma esta obra e certamente fornecerão aos leitores “...uma autêntica compreensão da história, propósitos, rituais e símbolos da Maçonaria”.

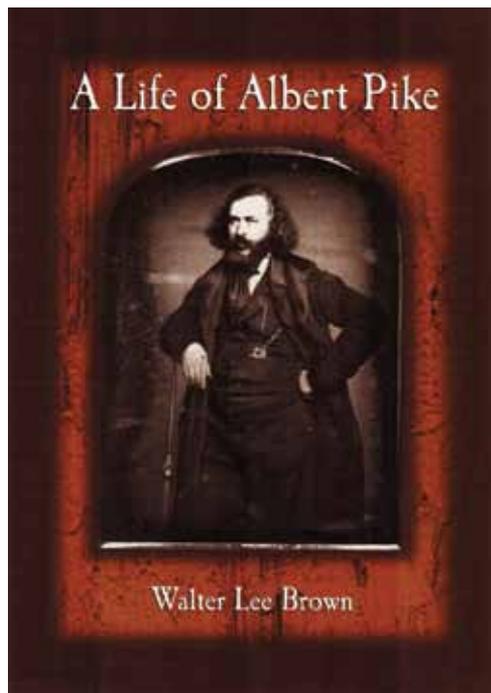
O livro é abundantemente ilustrado, quer com propósito didáctico quer decorativo. Neste último caso, são usadas reproduções de admiráveis gravuras do século XIX.

Em suma, *Scottish Rite Ritual Monitor and Guide* é, a par de *A Brigde to Light*, de Rex R. Hutchens, uma obra indispensável para os maçons que desejam conhecer ou aprofundar as variadas temáticas do REAA ou simplesmente, num dado momento, avivar certos aspectos de um sistema que, contendo 33 graus, é complexo e inesgotável nos seus ensinamentos. Para quem não é maçom, é igualmente de grande utilidade como obra de referência, pela sua amplitude e precisão, permitindo conhecer com propriedade um dos principais corpos maçónicos, com membros em todo o mundo.

Como obter este livro?

O meu exemplar chegou-me de uma forma extremamente agradável. Foi-me oferecido, fraternal e carinhosamente, pelo Muito Respeitável Irmão Mário Martin Guia, 33º, actual-mente Grão-Mestre da Grande Loja Legal de Portugal/GLRP. Os leitores menos afortunados que eu podem procurá-lo em www.scottishritestore.org.

WALTER LEE BROWN,
A LIFE OF ALBERT PIKE,
1997: THE UNIVERSITY OF
ARKANSAS PRESS, FAYETTEVILLE



Na obra anteriormente recenseada, *The Scottish Rite Ritual Monitor and Guide*, Albert Pike (1809-1891) é referenciado e citado. Partes da sua obra são reproduzidas, mas sobretudo sente-se que ele é omnipresente em todo o texto.

Quem foi Albert Pike?

Encontra-se facilmente resposta para esta pergunta, nomeadamente recorrendo à internet.

É apresentado, às vezes, como um explorador, um cruzado da justiça para os nativos americanos, um bom contador de anedotas, um reformador, um jornalista, um filósofo, um proeminente advogado, mas aparece também referido como poeta, escritor prolixo, professor, autodidacta, caçador, comerciante, político, marido e pai de oito filhos, génio, poliglota (parece que falava 16 línguas), general do exército Confederado. Mencionado como alguém que recusou o doutoramento *honoris causa* na Universidade de Harvard, a primeira Universidade em que se inscreveu, mas que não chegou a frequentar... Que foi um importante maçom, mas que a grande maioria dos maçons não faz a mínima ideia de quem ele foi e muito poucos leram as suas obras, cuja leitura requer um esforço considerável e nem sempre é inteligível.

Em Portugal o seu nome está presente na designação da “Associação Cultural Alberto Pie”, ligada ao Supremo Conselho dos Soberanos Grandes Inspectores-gerais do 33º e

Último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceite para Portugal.

Mas o que mais importa aqui referir é que nos 32 anos que se seguiram a 1859, ocupou o cargo de Soberano Grande Comendador, do Supremo Conselho, 33º, Jurisdição Sul dos Estados Unidos, em cuja sede repousam os seus restos mortais.

Alberto Pie é unanimemente considerado a mais proeminente personalidade da história do REAA: pela revisão que fez das suas leis fundamentais e estatutos, cerimónias e rituais, pelo grande número de trabalhos de índole filosófica e maçónica que escreveu (sendo *Moral and Dogma* o mais célebre) e pela influência decisiva que estes tiveram nas práticas deste rito em todo o mundo.

Com uma vida intensa e variada e com os seus escritos muitas vezes citados de forma truncada e fora do contexto, não admira que alguns equívocos e controvérsias se tenham desenvolvido à volta da pessoa, dos seus actos e dos seus escritos.

Por isso é importante chamar a atenção para esta obra de Walter Lee Brown, Professor Emérito de História na Universidade do Arkansas, terra onde Alberto Pike viveu.

A Life of Albert Pike (610+X páginas) é considerada uma biografia completa e imparcial. Constata-se que teve por base uma investigação muito detalhada e cuidada. A capa do livro informa-nos que se trata de um trabalho de

uma vida para o seu autor: tê-lo-á ocupado por 40 anos. Sendo uma obra densa, a sua leitura é agradável e cativante; o autor sabe prender a atenção do leitor.

O estudo desta obra proporciona, sem dúvida, um indispensável enquadramento para melhor se compreender a herança maçónica de quem, repete-se, foi e é uma das mais marcantes figuras da Maçonaria universal. Não ficou por cumprir a premonição de Albert Pike acerca de si próprio, expressa no epítáfio que ele sugeriu e que foi gravado na sua campa, e de que as palavras finais desta sua biografia são uma transcrição: “*Vixit. Laborem Ejus Superstites Sunt Fructus*”.

De facto, viveu. E os frutos dos seus trabalhos permanecem vivos.

ARTURO DE HOYOS, *SYMBOLISM OF THE BLUE DEGREES OF FREEMASONRY – ALBERT PIKE’S “ESOTERIKA”, 2005: THE SCOTTISH RITE RESEARCH SOCIETY, WASHINGTON, D.C.*

Entre 1886 e 1888, Albert Pike escreveu um texto com o título de “*Esoterika. The Symbolism of the Blue Degrees of Freemasonry*”, cujo manuscrito se manteve guardado nos arquivos do Supremo Conselho, 33º, da Jurisdição Sul dos Estados Unidos da América e

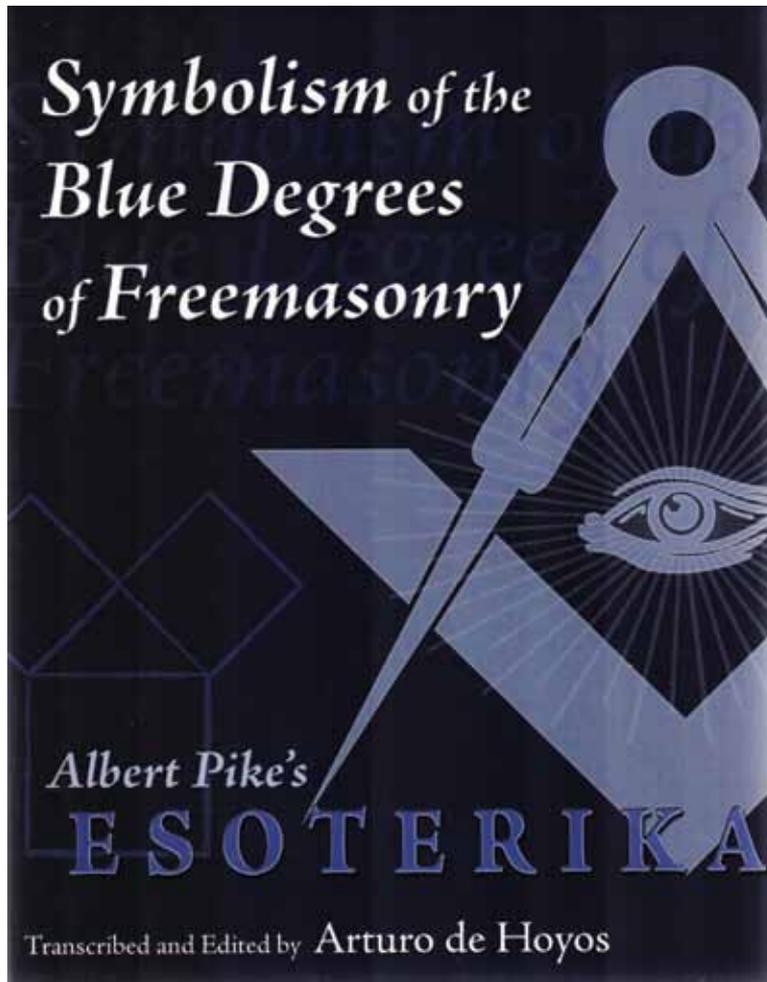
que Arturo de Hoyos transcreveu, editou e publicou em 2005.

O texto de Albert Pike ocupa 179 páginas desta publicação e está dividido em cinco Lições – “O Compasso e o Esquadro”; “As Armas e os Golpes dos Assassinos”; “Os Três Apertos de Mão”; “A Palavra do Mestre Substituta”; “O 47º Problema de Euclides” – e seis Fragmentos, isto é, pequenas notas sobre “A Verdade”, “*Cable-Tow* é um Símbolo?”; “Pedras Angulares”, “A Escada de Jacob”, “Tubalcain”, “Shibboleth”, e “Salomão e Hiram”.

Albert Pike considerava o conteúdo destas Lições e Fragmentos esotéricos e por isso não procedeu à sua publicação.

No prefácio escrito para este livro por Ronald A. Seale, Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho, 33º, da Jurisdição Sul, sublinha-se o carácter ímpar destes textos de Pike, não só pela interpretação e explicação bem fundamentadas e originais sobre os símbolos dos 3 primeiros Graus, mas também pelo impacto que teve e tem vindo a ter sobre os estudiosos, bem patente, desde logo, nos testemunhos transmitidos ao próprio Pike por membros da Loja *Quatuor Coronati* que testemunharam ao próprio Pike ter sido o mais importante trabalho sobre o tema que alguma vez tinham estudado.

Arturo de Hoyos antecede os textos de Pike com um Prefácio seguido de três extractos de comunicações de Albert Pike em reuniões da Ordem Real da Escócia, num total de 49 páginas, que enquadram o texto principal



e preparam o leitor para um estudo mais proveitoso do mesmo.

A terceira parte do livro inclui cinco Apêndices, notas e índice onomástico e temático, abrangendo 252 páginas. Alguns Apêndices são escritos do próprio Albert Pike, outros são textos da época, relacionados com as Lições e os Fragmentos.

Este trabalho de Arturo de Hoyos, publicando um clássico virtual da cultura maçônica - o texto de Pike – revela-se ele próprio um clássico, e passa a ser de estudo obrigatório para quem pratica ou quer conhecer a Arte Real.



